

# Redes sociais e ensino: possibilidades e desafios

A.A. Novais Sousa<sup>1</sup>; M. N. Sobral<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Secretaria de Educação de Estado de Sergipe, Aracaju-SE, Brasil

<sup>2</sup> Departamento de Educação, Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, Aracaju-SE, Brasil

dria.novais.souza@gmail.com; sssobral@gmail.com

(Recebido em 15 de novembro de 2013; aceito em 22 de março de 2014)

---

O texto apresenta os resultados de um exercício empírico e reflexivo sobre o uso das redes sociais na proposta de ensino e aprendizagem, investigando seu possível papel como ferramenta pedagógica, pela crescente adesão do indivíduo às ferramentas digitais, disponíveis nos ambientes *online*. Para tanto, verificou-se a atuação do professor em sala de aula em relação ao uso das mídias, especialmente o computador com acesso à Internet, realizando-se entre o público docente do Colégio Estadual Senador Walter Franco, em Estância, uma pesquisa exploratória e também pedagógica, aos moldes da pesquisa-ação, com o objetivo de fomentar uma aprendizagem mais significativa. O projeto partiu da sensibilização e preparação do professor, oferecendo-lhe novos olhares quanto à utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação no processo de ensino e aprendizagem, com foco no uso das redes sociais como ferramenta pedagógica.

Palavras-chave: Educação; Tecnologias da Informação e Comunicação- TIC; Redes Sociais; Ensino.

## Social networks and education: possibilities and challenges

The paper presents the results of an empirical exercise and reflective about the use of social networks in the proposed teaching and learning, investigating their possible role as a teaching tool, by increasing adherence to the individual digital tools available in online environments. To this end, we verified the performance of the teacher in the classroom in relation to the use of media, especially the computer with Internet access, taking place between the public teachings of the State School Senator Walter Franco in Estancia, an exploratory research also educational, in the molds of action research, aiming to foster a more meaningful learning. The project stemmed from the awareness and preparedness of the teacher, offering new perspectives on the use of Information Technology and Communication in the teaching and learning, focusing on the use of social networks as a pedagogical tool.

Keywords: Education; Information and Communication Technology-ICT; Social Networks; Teaching. Keywords: 3 keywords.

---

## I. INTRODUÇÃO

A experiência pessoal vivenciada pela autora através do Curso de Formação Continuada Mídias na Educação, oferecido pelo Ministério da Educação, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação e a Universidade Federal de Sergipe, direcionou um olhar acerca do uso pouco eficiente que professores da rede pública fazem do laboratório de informática disponibilizada nas escolas através do Programa Nacional de Informática nas Escolas- ProInfo.

Avançando nos estudos acerca do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação- TIC, através do debruçar-se sobre o trabalho de estudiosos e pesquisadores sobre o tema, uma nova reflexão sobre a inserção das TIC no ambiente escolar foi sendo delineada, graças ao crescente movimento das redes sociais na Internet, enxergando-se nesse objeto uma perspectiva positiva, desde que aliada a uma proposta pedagógica eficiente, por sua capacidade de disseminar a interação e a colaboração entre os participantes e também pelo fato de que grande parte dos alunos e professores se utiliza das redes sociais *online* atualmente.

A partir de tais considerações, buscou-se verificar se e de que forma os educadores utilizam as ferramentas tecnológicas em sua prática, a fim de oferecer e socializar experiências que lhes permitam novos olhares sobre o uso das redes sociais aliadas ao ensino, objetivando a melhoria da aprendizagem e fomentando um ensino interativo, participativo e colaborativo.

A intenção, a partir dos dados expostos, é demonstrar o grande potencial da ferramenta tecnológica - Internet, o que justifica a sua escolha como recurso de ensino, a fim de não apenas tornar o uso dos laboratórios de informática mais eficaz, mas, principalmente, fomentar uma

aprendizagem mais significativa e interativa, através da utilização das redes sociais pelos docentes em regência de classe do Colégio Estadual Senador Walter Franco. Dessa forma, é possível provocar uma educação que não mais se baseie num processo de ensino tradicional, de um para muitos, mas de muitos para muitos, focado no processo de aprendizagem e não no conteúdo.

Desse modo, objetiva-se a discussão e promoção do uso das redes sociais como estratégia didática no processo de ensino e aprendizagem, partindo da pesquisa qualitativa, através do relato da experiência vivenciada e da fundamentação teórica que norteou o estudo, discorrendo ainda sobre a metodologia aplicada e elencando as etapas do processo de discussão acerca das possibilidades e desafios da utilização das redes sociais. A busca por trabalhos e bibliografia que abordassem a utilização das TIC e das redes sociais nos espaços escolares rendeu proveitosos argumentos, que nortearam a metodologia empregada para a pesquisa de campo entre o corpo docente, a fim de diagnosticar o perfil dos professores e suas experiências com o uso das redes sociais *online* em sala de aula.

A primeira etapa da pesquisa aconteceu através da aplicação de um questionário para levantamento exploratório, aplicado a um total de dez professores. O questionário continha questões acerca da formação do docente, da utilização das TIC em sua prática de aula, da familiaridade com as mídias disponíveis *offline* e *online*, inclusive das redes sociais, dentre outras. Através do questionário, foi possível diagnosticar a falta de preparo do professor para o trabalho pedagógico com as redes sociais, o que incentivou a formação de um grupo focal, técnica de pesquisa qualitativa que, conforme Calder apud Dias (2000), proporciona um conhecimento mais profundo e subjetivo do sujeito, permitindo a troca de informações, sugestões, experiências e propostas acerca das redes sociais e sua aplicabilidade como recurso pedagógico, cujo objetivo maior foi oferecer subsídios para que o professor possa utilizá-las com segurança.

Na segunda etapa da pesquisa, formou-se um grupo focal, composto por seis docentes em regência de classe do Colégio Walter Franco, que demonstraram interesse em conhecer um pouco mais sobre o tema da pesquisa e sobre as especificidades do grupo focal, como técnica de pesquisa qualitativa:

Forma de pesquisa qualitativa, grupos focais são basicamente entrevistas em grupo, embora não no sentido de se alternar as questões de um pesquisador com as respostas dos participantes da pesquisa. Ao invés disso, a confiança está na interação dentro do grupo, baseada em tópicos fornecidos pelo pesquisador, que geralmente faz o papel de moderador. A marca dos grupos focais é seu uso explícito da interação do grupo para produzir dados e *insights* que seriam menos acessíveis sem a interação encontrada em um grupo (MORGAN apud DUARTE, 2007, p. 84).

Durante as discussões, o grupo decidiu pela criação de um espaço em uma rede social, escolhendo-se o *Facebook*, uma das maiores redes sociais da atualidade, que funciona através de perfis e comunidades, justificando-se essa escolha pela percepção dos docentes de que esta seja a mais utilizada atualmente pelos alunos, promovendo a conectividade entre os usuários de forma prática (RECUERO, 2009).

Segundo um dos seus criadores o Facebook é uma ferramenta de comunicação baseada em relações entre os indivíduos, permitindo novos estilos e novas formas de interações, que envolve prazer, dor, afetando inegavelmente a vida de seus utilizadores ( KIRKPATRICK, 2011).

A iniciativa de criação de um grupo focal *online* surgiu com o objetivo de promover a interação e a discussão de temas através de fóruns e *chats* e para que também servisse de laboratório da pesquisa, incentivando novos temas e a inserção de estratégias em sala de aula. Tal medida buscou estabelecer critérios para qualificação dos ambientes das redes sociais, como também capacitar continuamente o professor para o desenvolvimento da atividade com seus alunos, provocando novas propostas.

## 2. TIC, INTERNET E ENSINO

Segundo Freire (1979), o estar no mundo exige do ser humano a capacidade de relacionar-se, de sair de si e projetar-se no outro, num processo de cooperação de um e muitos e de muitos para muitos. Tal aporte fundamenta a visão defendida quanto ao processo de aprendizagem colaborativa, significativa, através dos recursos tecnológicos, o que condiz com as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997), que determinam como um dos objetivos do Ensino Básico que os alunos saibam utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos, promovendo a participação e cooperação entre os alunos, tornando o aprendizado mais significativo.

Felizmente, as TIC têm se despedido dos rótulos negativos que focavam em seu poder escravizante e alienante e vêm reafirmando as múltiplas possibilidades que advêm de sua inserção no domínio cognitivo. As críticas ao caráter alienante das TIC são procedentes da ideia de exclusão social que o excesso, a inaptidão e/ou fobia de alguns indivíduos provocam, mas, partindo da reflexão feita por Pozo (2002), as tecnologias não poderiam ser utilizadas e nem mesmo planejadas se a mente humana não fosse dotada de capacidades extraordinárias. Partindo desse pressuposto, é preciso aliar a utilização a uma proposta que provoque a reflexão crítica, assumindo o poder da tecnologia ao poder do homem em utilizá-la para seu crescimento e proveito.

Mudanças trazem cuidados e exigem reflexão sobre a forma como estas influenciam o ser social. Para Lévy (1999), devido à aceleração do ritmo exigido pela nova realidade social, agora caracterizada como tecnossocial, faz-se necessário que tenhamos uma participação mais ativa, se não quisermos ficar para trás na sociedade da cibercultura - forma de cultura contemporânea, desenvolvida em ambientes *online*, marcada pelas tecnologias digitais - o que causa não apenas atraso social, mas excluem, de forma radical, aqueles que não entraram no ciclo dessa alteração, apropriando-se dela.

Nesse processo de transformação social e cultural no qual estamos inseridos, urge uma mudança nas formas de aprender e ensinar, pois, como afirma Moran (2007), não se trata de concordar ou não com tais modificações, mas da tomada de consciência sobre a exclusão do indivíduo na sociedade do conhecimento.

Muitos pesquisadores vêm se debruçando sobre essa perspectiva de utilização da Internet e exclusão social. Castells (1999) defende o impacto da comunicação via Internet sobre a intimidade física e a sociabilidade, definindo como fora de contexto os temores acerca do empobrecimento da vida social, dados os fatos que comprovam o aumento de vínculos sociais, inclusive físicos, proporcionados pelo uso intenso da Internet.

Políticas públicas voltadas para a inclusão digital tentam dirimir tais diferenças, uma vez que a sociedade tecnológica é um fato incontestável, a exemplo de programas como o ProInfo e Um Computador por Aluno - PROUCA, estratégias do Ministério da Educação na busca por inserção da escola nas inovações do século XXI, pois esta se constitui em um espaço privilegiado para o desenvolvimento desse processo, como nos afirmam Cardoso e Burnham (2010, p. 2):

A combinação dos recursos tecnológicos com o processo pedagógico deve prover mecanismos efetivos que possibilitem a execução de práticas didáticas pelos aprendizes, com a supervisão do professor, para a construção e difusão de novos conhecimentos.

Diante das novas exigências da sociedade do conhecimento, os tempos e espaços devem ser revistos nas escolas que estimulam o compreender, citando Valente (1999, p. 35), para quem “a realização de tarefas pode acontecer no mesmo local, porém em tempos diferentes”. Nesse sentido, a utilização das TIC vem fortalecer a colaboração entre os alunos, através de atividades que poderão ser desenvolvidas em um mesmo tempo, mas em espaços bem diversos. Ao inserir as tecnologias em sua prática diária, o professor conta com uma ferramenta capaz de provocar e motivar o aluno, levando-o a construir e compartilhar conceitos, numa proposta interacionista.

Essa proposta dialoga com Campos et al (2003), que defende o ensino aliado à tecnologia a fim favorecer a cooperação entre os indivíduos, promovendo o desenvolvimento de habilidades

para o trabalho em grupo, condição importante em termos profissionais na atualidade. Ao empregar estratégias de aprendizagem colaborativa, é preciso que haja um propósito bem definido: construir conhecimento de maneira mais significativa. Isso ocorre, segundo Cardoso e Burnham (2010), quando os aprendizes desenvolvem habilidades intra e interpessoais, deixam de ser independentes para serem interdependentes.

Ao possibilitar o uso de ferramentas digitais online, o professor estará promovendo o letramento de seu aluno, condição *sine qua non* para o exercício da cidadania, pois, conforme Kleiman (2006), as nossas atividades são realizadas no mundo social, em situações concretas, e é através da linguagem, nas suas diferentes modalidades, que realizamos muitas das ações que nos interessam. Para a pesquisadora, tais situações determinam os tipos de atividades que podem ser realizadas e as possibilidades de interação. Nesse caso, a linguagem utilizada como proposta de interação entre os sujeitos em sociedade (interacionista), implica na capacidade de criar ou construir contextos (construtivista). Sem essa capacidade de contextualizar, não seríamos capazes de agir em sociedade. Sendo assim,

é importante ir além do acesso, criando condições para que alunos e demais membros da comunidade escolar possam se expressar por meio das múltiplas linguagens, dominar operações e funcionalidades das tecnologias, compreender suas propriedades específicas e potencialidades para uso na busca de solução para os problemas da vida. (ALMEIDA, 2009, P. 82)

### 3. O ADVENTO DAS REDES SOCIAIS

Redes sociais complexas sempre existiram, mas os desenvolvimentos tecnológicos recentes permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas (Wellman apud RECUERO, 2009, p. 93)

O ciberespaço abriga milhares de grupos de discussão, possibilitando ao indivíduo a oportunidade de interagir e compartilhar opiniões de forma mais espontânea. Para Lévy (1998), quanto mais este espaço se amplia, mais se torna “universal”, proporcionando a comunicação todos-todos e o agrupamento por centros de interesse, o que favorece o desenvolvimento da inteligência coletiva, permitindo que o indivíduo amadureça opiniões, estabelecendo relações de tolerância e compreensão mútua. Nesses espaços, são formadas novas comunidades virtuais ou “atuais” que são, segundo o autor citado, construídas sobre as afinidades entre interesses, conhecimentos e projetos mútuos, baseados na cooperação entre os indivíduos, que desenvolvem, além das afinidades citadas, um sentido de moral social, que englobam um conjunto de leis, não escritas, que regem as relações estabelecidas no ambiente.

O estudo da sociedade segundo o conceito de rede não é novo, fomentando estudos e pesquisas nas ciências desde o século XX, inicialmente abordados por matemáticos, mas em seguida adotados pelos ramos das Ciências Sociais, conforme estudos de Recuero (2009). Os trabalhos de Ithiel Pool e Manfred Kochen foram alguns dos primeiros a apresentar dados acerca das redes sociais. E isso ainda em 1978!

Mas o que são essas redes? Como se formam? Que critérios são estabelecidos? Vejamos algumas considerações:

Rede social conectada é uma forma de comunicação mediada por computador com acesso à Internet, que permite a criação, o compartilhamento, comentário, avaliação, classificação, recomendação e disseminação de conteúdos digitais de relevância social de forma descentralizada, colaborativa e autônoma tecnologicamente (LIMA JUNIOR, 2009, p. 97).

Para além do conceito básico, é possível enxergar, sob a ótica dos estudos de Castells (1999), que as redes apresentam a nova organização social, capaz de modificar a operação e os

resultados das produções, da experiência, do poder e da cultura. Isso requer do indivíduo novos olhares e novas formas de agir sobre, quebrando paradigmas e assumindo novas posturas diante da realidade, influenciando a cultura da sociedade na qual está inserido.

Para Recuero (2009), o estudo das redes foca na formação das estruturas sociais, em como são compostas a partir da comunicação através do computador, mas, principalmente, como as interações entre pessoas mediadas pelo computador são capazes de gerar trocas sociais e o impacto por elas causado. Para a autora, é necessário estudar os elementos das redes e seu processo dinâmico, a fim de compreender os variados nós que a compõem, levando em consideração os interesses dos indivíduos em fazer novas amizades, compartilhando suporte social, confiança e reciprocidade.

Segundo considerações de Carvalho (2009), a educação em rede valoriza a coletividade, a solidariedade, o compromisso e, principalmente, a colaboração. Redes são dinâmicas, estão em constante mudança, oportunizando atualizações frequentes aos seus integrantes. Apesar das críticas à velocidade do ciberespaço (TRIVINHO, 2007), é preciso levar em conta o caráter positivo da dinâmica por ela incentivada, como a cooperação e a divulgação de informações em tempo real, pois, como explicita Recuero (2009, p. 81), “a cooperação é o processo formador das estruturas sociais. Sem cooperação, no sentido de um agir organizado, não há sociedade.” Ela é essencial para compreender as ações desenvolvidas pelos indivíduos participantes, os atores sociais, que se adaptam aos tempos modernos, buscando novas maneiras de interagir em sociedade, estabelecendo novos conceitos de grupo, novos tempos e espaços para sua ocorrência, num processo caracterizado pela autora como adaptação. O surgimento das redes sociais na Internet é a prova desse processo natural da humanidade.

Porém, nem tudo no ciberespaço é positivo e divertido. A utilização cada vez mais crescente das redes sociais também vem fomentando uma preocupação quanto aos limites que devem ser estabelecidos para sua utilização consciente. Kenski (2001) entende a tecnologia como algo que deva ser utilizado para transformar a sala de aula em um ambiente mais interessante, mais interativo.

Se houver uma intencionalidade educativa, a interação em rede permite trocas positivas com o outro, enxergando-o e respeitando-o como ele é, gerando crescimento mútuo. Essa intencionalidade diz respeito à existência de um objetivo educativo explícito, uma proposta inicial para a aprendizagem e à presença de um ou mais professores envolvidos. Dessa maneira, as redes sociais, inicialmente apenas voltadas para o lazer, podem abrigar uma comunidade voltada para o estudo, denominada por Carvalho (2009) de rede de aprendizagem *online*, onde seus integrantes mantenham interação entre si e que sejam sujeitos do processo. Isso ocorre pela necessidade do indivíduo de fazer parte, de constituir um “eu” no ciberespaço, percebendo-se e “percebendo o Outro” (DONATH apud RECUERO, 2009, p. 27), delineando a matéria-prima essencial das relações sociais, que é a interação, seja ela síncrona, onde se é possível interagir em tempo real, ou assíncrona, quando as trocas ocorrem em momentos distintos.

Levar a experiência e a criatividade que o professor já possui no desenvolvimento de projetos e em propostas de trabalhos interessantes para o ciberespaço proporcionará uma experiência positiva para todos os envolvidos, pois ele saberá mediar o processo de ensino com segurança, uma vez que nele encontrará inúmeras ferramentas facilitadoras para seu trabalho. Para tanto, urge uma mudança na metodologia e em novas formas de ensinar e aprender:

A mudança pedagógica que todos almejam é a passagem de uma educação totalmente baseada na transmissão da informação, na instrução, para a criação de ambientes de aprendizagem nos quais o aluno realiza atividades e constrói o seu conhecimento (VALENTE, 1999, p. 29)

É importante frisar, citando mais uma vez Lévy (1998), que não basta utilizar a tecnologia a qualquer custo, mas acompanhar as mudanças dos processos civilizatórios, mudanças essas que questionam a cultura, as formas de pensar, os sistemas educacionais tradicionais e, principalmente, os papéis de ensinar e aprender.

## 4. REDE SOCIAL E ENSINO: ESTUDO DE CASO

### 4.1 O docente e as TIC: uma frágil relação

A pesquisa feita possui as características da pesquisa-ação, cujo objetivo é melhorar a prática pedagógica, oferecendo ajuda aos professores na resolução de seus problemas em sala de aula. O processo permite que todos aprendam com todos, através da interação entre o grupo. Os resultados obtidos, tanto na autoavaliação quanto na avaliação do trabalho, evidenciam o sucesso e/ou dificuldades encontradas, buscando compreender a situação e modificá-la e, por sua característica cíclica, aprimorá-la a cada etapa.

Quando um professor resolve testar um novo método de ensino, está fazendo algo que poderia ser visto como pesquisa participativa. Ele é ator e observador, pois tenta fazer funcionar um experimento no qual sua personalidade está presente, e é um observador, porque tenta entender o que está acontecendo e extrair do experimento todas as lições que consiga. (CASTRO, 2006, P. 113)

A proposta do trabalho buscou proporcionar aprendizagens por meio de uma comunidade virtual, a rede social, proporcionando uma aprendizagem que valoriza o indivíduo e seus interesses. Inicialmente, foi feita uma avaliação diagnóstica, que serviu como análise prévia da situação pedagógica, verificando sua viabilidade e/ ou relevância dentro da situação específica dos professores da escola em questão.

O Colégio Estadual Senador Walter Franco, campo de realização da proposta, situa-se na cidade de Estância, Sergipe e possui em seu quadro trinta e um professores em regência de classe, entre efetivos e contratados, dos quais dez, de variadas áreas de atuação, concordaram em participar da pesquisa e responder ao questionário proposto. A pergunta inicial versou sobre a oferta de disciplinas na formação do docente relacionadas ao uso das TIC. Dentre os entrevistados, apenas um afirmou ter obtido em seu currículo acadêmico a disciplina em questão, os demais não obtiveram quaisquer disciplinas que lhes oportunizasse a experiência de lidar com as TIC no ambiente escolar.

Em outra questão, verificou-se a relação do docente com as TIC no Colégio Walter Franco, se ela é direta, planejando, montando e manipulando os equipamentos, ou indireta, limitando-se a propor e orientar atividades nas quais os alunos utilizem as mídias e, posteriormente, apresentam-nas em sala ou se o professor não utiliza as TIC em nenhum momento, por falta de conhecimento técnico ou de motivação em inseri-la em sua prática pedagógica, cujo resultado vemos no gráfico da figura 1:

Figura 1- Relação do docente com as TIC na Unidade de Ensino

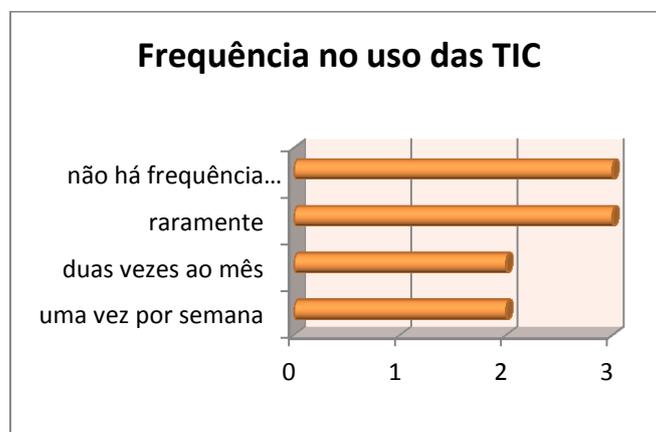


Fonte: Questionário de entrevista

Outro ponto abordou o uso das mídias na prática pedagógica, verificando quais são utilizadas com maior frequência. Nesse caso, as mídias de áudio e vídeo (CD, DVD e televisão) perfazem

60% do total, sendo o uso de computador com ou sem acesso à internet apontado por 30% dos entrevistados, concomitantemente ao uso das mídias de áudio e vídeo. A frequência com que o docente as utiliza pode ser observada na figura 2:

Figura 2- Frequência de utilização das TIC pelo docente



Fonte: Questionário de entrevista

Infelizmente, a falta de uma frequência definida e a rara utilização das TIC perfazem as maiores somas, atestando a fragilidade da relação entre docente e mídias, uma vez que, diante de tantos recursos disponíveis para a prática pedagógica, a utilização das TIC no ambiente escolar ainda é tímida e pouco consistente.

Em relação à capacidade de manuseio, 50% dos docentes acreditam que precisam de maior conhecimento de informática para utilizar essas tecnologias, enquanto os demais restringem essa necessidade a uma determinada tecnologia, em específico o computador com e sem acesso à Internet, pois, embora se mostrem preparados para utilizar as mídias mais tradicionais, de áudio e vídeo, a manipulação do computador e dos espaços virtuais ainda é tímida. O mesmo se aplica à necessidade de um tempo maior para a preparação de suas aulas com a utilização de mídias. 60% dos docentes acreditam que, sem dúvida, necessitam de um tempo maior para o planejamento de aulas que contemplem as TIC, enquanto para os demais essa necessidade de tempo depende do tipo da tecnologia em uso.

Quanto à capacitação para o uso das TIC, 70% dos professores afirmam ter recebido suporte para utilizar as tecnologias em sala de aula, através da Secretaria de Estado da Educação, que vem ofertando cursos voltados à preparação do docente para utilizar as tecnologias oferecidas pela escola, especialmente no uso do computador, através dos cursos: Introdução à Educação Digital, Fundamentos Básicos- Intel Educar, Elaboração de Projetos e Introdução ao uso das TIC.

A fim de conhecer um pouco das práticas vivenciadas pelos docentes, solicitou-se o relato de alguma experiência realizada com seus alunos, verificando em que ajudou, como foi o desenvolvimento da aula, se houve motivação bilateral e qual a tecnologia foi utilizada. Alguns docentes relataram o uso do DVD com aulas expositivas prontas, utilizando televisão, computador e projetor multimídia, outros citaram a utilização de vídeos cinematográficos que contextualizam os conteúdos trabalhados, além de propostas de criação de vídeos pelos próprios alunos. Dentre os relatos, nota-se o reconhecimento do professor acerca da positividade de tal atividade, como por exemplo: “A motivação dos alunos faz a diferença, fazendo com que nós professores preparemos nossas aulas cada vez melhor” (DOCENTE 10, 2012).; “É visível a empolgação do aluno, pois a aula torna-se mais dinâmica” (DOCENTE 03, 2012).; “Na maioria das vezes surte bons resultados e isso, é claro que é motivo de empolgação”(DOCENTE 04, 2012).

Diante dos dados coletados, verificou-se que a relação entre professor e a utilização das TIC em sala de aula ainda é frágil, pois apesar de conhecer e utilizar as novas tecnologias, atestando seus benefícios no atrelamento ao trabalho pedagógico e de reconhecer sua capacidade de

agregar valor ao processo de ensino e aprendizagem, sua experiência ainda se resume ao uso das mídias de áudio e vídeo. Pensar na convergência de mídias promovidas pelo ambiente virtual, como também em sua capacidade de proporcionar um aprendizado mais significativo, horizontalizando as relações entre aquele que aprende e aquele que ensina, torna-se condição *sine qua non* para se educar em uma sociedade cujas formas de comunicação vêm se alterando e assumindo novas significações.

#### 4.2 O docente em rede: estreitando relações

Ainda dentro da pesquisa feita através do questionário, adentrando ao objeto da pesquisa, a utilização das redes sociais, buscou-se identificar a utilização pelo docente em sua prática pessoal e/ou profissional. Do total de docentes que responderam ao questionário, apenas um afirmou não utilizar as redes sociais disponíveis na Internet. Como exemplo das redes utilizadas por eles, citou-se o *Facebook*, *Hotmail*, *Orkut*, *Myspace*, *Weblog* e *Twitter*.

A variedade de sites e redes sociais apresentados demonstra o reconhecimento pelos docentes e também familiaridade, o que facilita a proposta de uma prática pedagógica utilizando-se das redes como ferramenta auxiliar de ensino. Mas, apesar disso, ao ser questionado sobre a utilização desses espaços virtuais em alguma atividade com suas turmas, apenas 40% afirma tê-las utilizado em alguma atividade, citando o uso do *Weblog* que a escola possui para postagem de atividades desenvolvidas em sala e para contextualização de um texto lido em sala que tratava do blog. Outros exemplos foram as trocas de e-mail e mensagens entre professor e alunos. As experiências apresentaram-se tímidas, ainda pouco efetivas, o que demonstra a necessidade de um aprofundamento no tema e de propostas variadas, que possam ser aplicadas com facilidade.

Concluindo o questionário de pesquisa, apresentou-se uma proposta pedagógica com a utilização de redes sociais aos docentes, convidando-os a compor um grupo focal, a fim de se discutirem as possibilidades de uso dessas redes como recurso didático facilitador do processo de ensino e aprendizagem.

Aderiram à proposta seis dos entrevistados, os quais foram convidados a participar de um encontro em data posterior, constituindo assim a segunda parte da pesquisa, quando foram apresentadas as especificidades do grupo focal como técnica de pesquisa qualitativa, que visa coletar dados através da interação entre os integrantes. O objetivo e o tema foram expressos de forma clara, assim como alguns esclarecimentos sobre a técnica, inclusive da necessidade de gravação das falas, expressando a necessidade do registro a fim de facilitar a coleta. O papel do facilitador e a importância da opinião de todos também foi reiterado, a fim de provocar uma discussão rica e proveitosa.

Para preservar a identidade, cada docente será nomeado por um número, de um a seis, representando o total de participantes do grupo focal, representado na figura 1.



Figura 1-Discussão do grupo focal, 09/04/2012

Imagem: Adriana Novais

Após o diagnóstico inicial através do questionário e das primeiras discussões em grupo sobre a utilização das redes e suas possibilidades, os professores demonstraram interesse em conhecer

um pouco mais sobre o tema, o que gerou a proposta de organização de uma oficina para estudo sobre as redes sociais, baseada no trabalho de pesquisa desenvolvido. Assim, definiu-se a apresentação da atividade pedagógica através de *slides*, ocorrida na sala de vídeo do Colégio em questão. O trabalho de pesquisa foi expresso através de uma oficina, atividade que proporcionou aos participantes uma maior clareza sobre o objeto de estudo, fomentando discussões e questionamentos, contextualizando com as necessidades e a especificidade dos alunos, visto que cada professor conhece sua clientela e as dificuldades que enfrenta no cotidiano escolar, pois, conforme o docente quatro (2012), não há como evitar que os alunos usem as redes, pois eles as utilizam o tempo todo em sala de aula, mandando mensagens para os colegas, postando comentários...



Figura 2-Atividade pedagógica dirigida: Oficina sobre Redes Sociais e Ensino. 09/04/2012  
Imagem: Adriana Novais

Após a apresentação da oficina, foram colocadas duas questões para o grupo discutir: Quais as possibilidades de uso das redes sociais como ferramenta pedagógica? Quais os desafios que o docente enfrenta e/ou enfrentará ao aliar o ensino ao ambiente virtual? Diante dessas questões, discutiu-se a viabilidade ou não do uso das redes sociais de forma pedagógica na escola, com algumas colocações muito pertinentes dos docentes.

Inicialmente, o docente seis, primeiro convidado a se posicionar sobre as questões, discorreu sobre os benefícios da proposta, julgando interessante, mas deixou claro que não via possibilidades de uso imediato, especialmente com suas turmas de alunos do Ensino Fundamental, acreditando ser mais viável para alunos do Ensino Médio. Sua preocupação diz respeito ao fato do aluno não possuir maturidade, podendo se dispersar, buscando outras coisas inapropriadas na Internet, sob o pretexto do uso das redes, refletindo também um cuidado com a opinião dos pais, que podem questionar o trabalho. O docente um lembrou que os pequenos também estão nas redes sociais e que o professor pode utilizar mídias interativas como os vídeos do *Youtube*, *charges*, músicas, buscando levar para o aluno coisas interessantes, que prendam sua atenção. O docente lembrou que não podemos negar a existência do virtual, nem podemos esperar que todos participem de forma positiva, mas que essa ferramenta se constitui em algo a mais para o ensino.

O docente quatro reiterou a colocação do docente um, afirmando a necessidade de se orientar os alunos menores, pois quanto mais cedo, melhor. O docente quatro demonstrou empolgação quanto ao tema, apesar de nunca ter se utilizado das redes em sala de aula por medo da exposição. Outro ponto levantado por ele foi a questão do tempo, pois o professor que trabalha em duas redes não possui tempo suficiente para planejar, pelo menos no início, na fase de adaptação, ressaltando a necessidade de um orientador e facilitador que sirva de apoio.

O docente um ressaltou seu interesse pessoal e o dos alunos sobre o tema, reconhecendo-se como usuário ativo das redes sociais, já possuindo muitos alunos como seus contatos. O docente três admitiu a pouca utilização das redes sociais, mas gostou da proposta, achou muito interessante os exemplos dados acerca das possibilidades por disciplina, levantando a questão da segurança, acerca dos perigos, da restrição de fotos e dados pessoais.

O docente dois apresentou alguns exemplos de trabalhos já desenvolvidos sobre o tema em uma escola da rede particular, o que favoreceu a discussão e reiterou a necessidade da escola em

acompanhar a velocidade das mudanças tecnológicas, como uma ferramenta positiva na divulgação de eventos escolares, informações sobre reuniões, calendários, tanto para os alunos como para os pais.

Diante da necessidade apontada pelos docentes de uma maior orientação, surgiu a proposta de se criar um grupo no *Facebook*, formado pelos participantes e outros interessados, a fim de servir como laboratório de pesquisa, preparando o docente para utilizar a ferramenta com seus alunos. A essa proposta, todos concordaram, mesmo os que não possuíam perfil na rede social em questão, mostrando interesse em participar da experiência, como podemos observar na figura 3:



Figura 3 - Página do grupo no *Facebook*

A partir da experiência *online*, o grupo planejou a criação de novos grupos com suas turmas no *Facebook*, com o intuito de oferecer reforço nas disciplinas, postando *links*, vídeos e resumos que facilitem o trabalho. Uma proposta interessante surgiu do docente um, da área de História, que resolveu organizar resumos através do *Twitter*, onde cada aluno deve pesquisar sobre o tema em estudo, postando *tweets* que não devem repetir o que o colega já escreveu, incentivando, assim, a pesquisa coletiva. Outra proposta, dessa vez utilizando o *Youtube*, partiu do docente quatro, da área de Letras, que seria a dramatização das obras literárias pelos alunos, as quais seriam filmadas e postadas na rede, facilitando a compreensão literária dos vestibulandos. O docente dois, matemático, demonstrou preocupação acerca de propostas em sua área, mas os demais integrantes sugeriram a postagem de exercícios auxiliares, de propostas de desafios e situações-problema para resolução entre os alunos. Como o trabalho será desenvolvido ao longo do ano letivo, novos encontros do grupo focal acontecerão, culminando com a avaliação, suscitando novas pesquisas e continuidade do trabalho, sob novas perspectivas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar, citando Valente (1999, p. 37), que o computador não é a chave para a compreensão integral do aluno. A compreensão surge a partir da forma como ele é utilizado, o que depende muito da metodologia empregada pelo professor, se esta provoca o aluno, desafiando-o a superar seus limites ou se faz dele um mero receptor de conteúdos que em nada conversam com sua realidade.

Neste estudo, as possibilidades de uso das redes sociais são apresentadas ao docente como ferramenta pedagógica auxiliar ao trabalho de sala de aula, seja através do reforço, da disseminação de informações, da contextualização dos conteúdos vistos em sala de aula, da utilização das mídias integradas, como vídeo, música e jogos, enfim, como possibilidades variadas que podem e devem ser explorados, como espaços de comunicação e de produção de aprendizagem significativa.

Podemos considerar que a utilização das redes sociais virtuais, por sua capacidade de agregar variadas mídias em um único ambiente, proporciona ao professor inúmeras ferramentas didáticas, que podem ser utilizadas como recurso pedagógico auxiliar ao trabalho em sala de

aula. Para tanto, é preciso que o professor esteja em busca de motivações, a fim de tornar a aprendizagem do aluno mais significativa, através das tecnologias.

A pesquisa nos permitiu repensar as práticas pedagógicas, aliando-as aos recursos que já fazem parte do cotidiano da comunidade escolar, a partir do uso de práticas que utilizem os novos meios de comunicação. A inserção das redes sociais nas escolas já ocorre de forma indireta, pois o aluno as utiliza na escola através dos celulares, inclusive em sala de aula, durante as aulas, provocando conflitos.

Aproveitando esse interesse, é possível promover a utilização de forma cognitiva, incentivando o estudo em grupos, a troca de conhecimentos e aprendizagem colaborativa, de forma consciente e com segurança, viabilizando a melhoria do rendimento escolar. Trazer para a prática escolar o uso das redes sociais em todo o seu encanto é uma perspectiva eficiente de se estabelecer articulação entre teoria e prática, tão necessária para a superação dos desafios educacionais do século XXI.

Não se trata de incorporar as TIC aleatoriamente - é importante reiterar - uma vez que todo processo deve ser analisado, verificando as restrições quanto ao seu uso. Para isso, é preciso estar a par dos problemas a que os usuários da Internet estão expostos, ocasionados pela disponibilização de informações pessoais (número de telefone, endereço, etc.). A escola necessita estar atenta a essas precauções, oferecendo apoio e orientação para a utilização pelos alunos de forma consciente e crítica.

- 
1. Almeida, M. E. B. Gestão de tecnologias, mídias e recursos na escola: o compartilhar de significados. Em Aberto, Brasília, v. 22, nº 79, p. 75-89. Jan/2009.
  2. Brasil, Parâmetros Curriculares do Ensino Médio para Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, DF: MEC.1997.
  3. Campos, F. C. A.; Santoro, F. M.; Borges, M. R. S.; Santos, N. Cooperação e aprendizagem on-line. DP&A Editora: Rio de Janeiro, 2003.
  4. Cardoso, A. L. M. S., Burnham, T. F. Efetividade de um modelo pedagógico para um ambiente virtual de aprendizagem. XX SBIE. João Pessoa, PB, 2010.
  5. Carvalho, J. S. Redes e comunidades virtuais de aprendizagem: elementos para uma distinção. 2009. São Paulo, Faculdade de Educação da USP. Dissertação de Mestrado.
  6. Castells, M. Sociedade em Rede. Tradução de Roneide Venâncio Majer; 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
  7. CASTRO, C. M. A prática da pesquisa. 2ª edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.
  8. Ciribelli, J. P.; Paiva, V. H. P. Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado. Revista Mediação, Belo Horizonte, v. 13, jan/jun 2011.
  9. Dias, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. Informação & Sociedade: estudos, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 141-158, 2000.
  10. Duarte, A. B. S. Grupo focal online e offline como Técnica de coleta de dados. Informação & Sociedade: estudos. João Pessoa, v.17, n.1, p.81-95, jan./abr. 2007.
  11. Freire, P. Educação e Mudança. Tradução de Moacir Gadotti. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.
  12. Kenski, V. M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 2ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.
  13. \_\_\_\_\_ Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais. In: BARRETO, R. G. (Org). Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001. p. 74-84.
  14. Kirkpatrick, D. O efeito facebook. Tradução Catarina Pacheco. Lisboa: BABEL, 2011.
  15. Kleiman, A. B. Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio. In: BUNZEN, C., MENDONÇA, M.(Org.) Português no ensino médio e prática do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
  16. Lévy, P. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1999.
  17. \_\_\_\_\_ A revolução contemporânea em matéria de comunicação. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 9, pág. 43, dez/1998.

18. Lima Junior, W. L. Mídia social conectada: produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital. *Líbero* (FACASPER). S. PAULO, V. VII, p. 95-106, 2009.
19. Moran, J. M. Programa de formação continuada em Mídias na Educação. Módulo Introdutório-Gestão Integrada de Mídias. Brasília: Secretaria de Educação a Distância/MEC. 2007.
20. Pozo, J. I. *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
21. Recuero, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
22. Valente, J. A. Mudanças na sociedade, mudanças na Educação: o fazer e o compreender. Cap. 2. In: *O computador na sociedade do conhecimento*. José Armando Valente (org.). Campinas, SP: Unicamp/NIED, 1999.